

A trajetória histórica e as possíveis práticas de intervenção do psicólogo frente às emergências e os desastres¹

Aline Cristina de Carvalho²

Ilma Borges (Orientadora)³

Resumo

A discussão sobre o tema trata da relação entre o exercício profissional da psicologia frente ao novo campo de trabalho denominado Psicologia das Emergências e dos Desastres. Busca resgatar a trajetória histórica deste campo e apontar as novas perspectivas de atuação do psicólogo em relação às políticas públicas, contribuindo para produção de conhecimento que subsidie uma atuação consistente e garanta a área como campo de trabalho.

Palavras-Chaves: história; psicologia; desastres; intervenção; políticas públicas.

Abstract

The debate about the topic deals with the relation between the professional practice of the psychology and the new field of work denominated Emergency and Disasters Psychology. It aims to bring back the historical trajectory of this field and points out new perspectives of the psychologist's actuation related to the public politics, contributing thus for the production of knowledge that provides a consistent actuation and guarantee the area as a field of work.

Key-words: history; psychology; disasters; intervention; public politics.

¹ Artigo produzido com base em monografia que será apresentada na última semana de novembro 2009 para a obtenção do Grau de Bacharel em Psicologia.

² Acadêmica da sétima fase de Psicologia da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, de Biguaçu/SC. E-mail: carvalho.alinecristina@gmail.com

³ Professora da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI e Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. E-mail: ilmaborges@univali.br



Introdução

Jamais em épocas anteriores temas relacionados às emergências e desastres foram tão manifestos em nível mundial como atualmente. O estado de Santa Catarina dentre os estados do Brasil, historicamente é o que mais tem registros de desastres, sendo as inundações as responsáveis pelo maior número de desabrigados e mortos nas últimas três décadas (HERRMANN, 2007). Em virtude disto considera-se relevante historiar o quanto a produção científica sobre o tema evoluiu nacionalmente e regionalmente, para compreender a posição na qual a profissão se encontra frente ao tema, quais os espaços prioritários e as possíveis práticas de intervenção do psicólogo frente às emergências e os desastres.

Método

A produção da monografia a qual este artigo utilizou como fonte de dados foi de caráter qualitativo, uma abordagem que “pretende conhecer, esclarecer, entender, e interpretar os processos que constituem os fenômenos, objetos de investigação.” (OZELLA, citado por BOCK, 2003, no capítulo quatro pg. 122). A coleta de dados se deu bibliograficamente através de documentos como livros de referência, periódicos, publicações, impressos, relatos de experiências na área e pesquisa através da internet.

Perspectiva Histórica

Os primeiros estudos psicológicos sobre os desastres iniciaram no ano de 1909 quando o médico psiquiatra e pesquisador Edward Stierlin desenvolveu os primeiros ensaios para o entendimento de questões relacionadas às emoções das pessoas envolvidas em desastres (ALAMO, 2007). Em 1917, no Canadá, ocorreu o desastre de Halifax, causado pelo choque acidental entre um navio Francês cheio de explosivos, e um navio Belga, ocasionando um tsunami que destruiu parte da capital da província da Nova Escócia. Foram estudadas as



variáveis psicológicas envolvidas através de uma pesquisa científica realizada por Samuel Price⁴. Em 1944, Lindemann realizou o primeiro estudo sobre a intervenção psicológica no pós-desastre através da avaliação sistemática das respostas psicológicas dos sobreviventes e de seus familiares no incêndio do Clube Noturno Coconut Grove, em Boston, EUA⁵.

Nos anos 60 e 70 a Psicologia direcionou-se para análise das reações individuais no pós-desastre. Em 1970, a Associação de Psiquiatria Americana publicou um manual de “Primeiros auxílios Psicológicos em casos de Catástrofes”. Este manual descreve diversos tipos de reações clássicas aos desastres e os princípios básicos para identificação das pessoas “perturbadas emocionalmente” (ALAMO, 2007). Em 1974, através do Instituto de Saúde Mental do Departamento de Saúde dos Estados Unidos, surgiu a primeira lei de atuação e ajuda em desastres na qual consta uma seção sobre orientação psicológica aos atingidos.

Em 1985 após o terremoto ocorrido na Cidade do México, a Faculdade de Psicologia da Universidade Autônoma do México, com o assessoramento de Israel, do Instituto Mexicano de Psicanálise e do Instituto Mexicano de Segurança Social, deu início a um programa de intervenção em crises, objetivando oferecer apoio psicológico aos afetados pela tragédia. No mesmo ano, na Colômbia, o vulcão Nevado Del Ruiz entrou em erupção e arrasou o povoado de Armero. Em agosto do ano seguinte, o Ministério da Saúde da Colômbia, com o assessoramento da Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS, e de psiquiatras pesquisadores na área, estabeleceu um programa de atenção primária em saúde mental para vítimas de desastres.

Em 1991, a Cruz Vermelha criou o Centro de Copenhague de Apoio Psicológico. Em 2001 ocorreu um incêndio no mercado popular Mesa Redonda, localizado no centro de Lima, Peru. Neste episódio a Sociedade Peruana em Emergências e Desastres foi acionada e atuou no sentido de conscientizar a população das reações normais de luto. Para isto foi criada uma

⁴ Texto adaptado das falas do I Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres – Contribuições para Construção de Comunidades mais Seguras. Brasília, 8, 9 e 10 de junho de 2006.

⁵ Este e os próximos cinco parágrafos utilizam como base de dados principal a referência já mencionada na nota III.



linha telefônica chamada de “infosaúde”, que funcionou com atendimento de psicólogos durante 72 horas após o desastre.

Em 2002, ocorreu o I Congresso de Psicologia das Emergências e dos Desastres em Lima, Peru. Nele foi criada uma entidade denominada Federação Latino-americana de Psicologia das Emergências e dos Desastres - FLAPED, cujo objetivo foi reunir psicólogos em sociedades nacionais no Peru e fazer com que os psicólogos que retornassem aos seus países também fossem despertados pela mesma intenção.

Em 2004 foi criada a Sociedade Chilena de Psicologia das Emergências e Desastres – SOCHPED, com os seguintes objetivos: descrever e explicar processos psicológicos que aparecem nas emergências; desenvolver, aplicar e ensinar técnicas psicológicas para situações de emergência; selecionar pessoas para integrar grupos de resgate e trabalhos de risco em geral; capacitar psicologicamente a comunidade para enfrentar emergências.

No Brasil o primeiro registro do processo histórico de inserção da psicologia no estudo, pesquisa e intervenção nas emergências e nos desastres é datado de 1987 com o acidente do césio-137. Em Goiânia, estado de Goiás, aconteceu o maior acidente radioativo do país. Em 1992 a UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UnB - Universidade de Brasília e a UCG - Universidade Católica de Goiânia em conjunto com uma equipe de Psicólogos Cubana, que já havia atuado no Acidente Nuclear de Chernobyl, realizaram atendimento aos atingidos pelo césio-137, adaptando o mesmo programa utilizado em 1986 às necessidades da comunidade afetada.

No ano de 2006, realizou-se o I Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres, em uma parceria entre a Secretaria Nacional de Defesa Civil e o Conselho Federal de Psicologia. Neste mesmo momento aconteceu a 1ª Reunião Internacional por uma Formação Especializada em Psicologia das Emergências e Desastres, procurando sintetizar elementos curriculares que devem compor a formação dos futuros profissionais que colaborariam com a Defesa Civil.

E em fevereiro de 2008, o Conselho Regional de Psicologia da 12ª Região - CRP-12 / SC assinou o termo de Cooperação com a Secretaria Executiva de Justiça e Cidadania do Estado de Santa Catarina, onde propôs ações a serem desenvolvidas junto com a Defesa Civil



Estadual, firmando o compromisso da categoria no desenvolvimento de referências técnicas para atuação frente às emergências e aos desastres⁶.

Em 30 de novembro de 2008, foi organizado um grupo de ajuda humanitária entre a Aliança Internacional Save the Children⁷; o CRP-12 / SC; a Secretaria de Assistência Social, Trabalho e Habitação do Estadual; o Departamento Estadual de Defesa Civil; as Psicólogas Ana Lopes - Conselheira do Conselho Federal de Psicologia; e Daniela Lopes - Psicóloga da Defesa Civil Nacional e Conselheira na Organização dos Estados Americanos - OEA; para atender aos atingidos pela enchente de novembro de 2008.

A partir de Janeiro de 2009, os profissionais da Associação Brasileira de Psiquiatria - ABP realizaram capacitações para os indivíduos envolvidos no atendimento aos afetados pelas inundações do ano anterior em Santa Catarina. O trabalho foi norteado por um cronograma baseado em um protocolo de atuação referenciado pela Organização das Nações Unidas - ONU e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (Ofício circular nº 0519, 2008).

Aspectos conceituais identificando às possíveis práticas de intervenção do psicólogo frente às emergências e os desastres

A partir da perspectiva histórica apresentada, trazemos para reflexão a fala de Albuquerque (1997, p.243) quando diz que a péssima distribuição da riqueza no Brasil, aliada a ausência de serviços governamentais de amparo social aos mais carentes, e aos serviços públicos de saúde e educação em péssimas condições, favorecem um ambiente de risco e vulnerabilidade permanente, e impossibilitam a segurança institucional para que os indivíduos

⁶ CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 12ª REGIÃO - CRP-12. Informativo do Conselho Regional de Psicologia da 12ª Região. Ano II, Ed. 2. Santa Catarina. Fevereiro de 2008.

⁷ Organização sem fins lucrativos, nem filiação religiosa ou política, constituída por aproximadamente 90.000 membros em todo mundo. Foi fundada em Nov. de 1919 e busca a proteção infantil e juvenil.

<<http://www.savethechildren.org/>>



possam responder eficientemente às situações de desastres. Este ambiente influencia diretamente no desenvolvimento dos recursos psicológicos, sociais e físicos que as populações utilizam para o enfrentamento dos eventos adversos, e, portanto para sua capacidade de resiliência. Coêlho (2007 citado por Ursano, Kao & Fullerton, 1992) expõe que o significado de todo evento adverso é uma interação complexa entre o evento, o passado e o presente da pessoa bem como o seu contexto social. Para os sobreviventes de um evento, este significado determina como a situação é vivenciada inicialmente, a maneira em que a recuperação ocorre e a forma pela qual a vida será restabelecida.

Esta significação dos eventos passa pela percepção social de riscos, e mostra-se fundamental para o desenvolvimento de comportamentos pró-ativos frente aos desastres. Para Albuquerque (1997), Coelho (2007), Lopes (2007) e outros estudiosos no tema a percepção social apresenta-se como a chave do processo de trabalho neste campo. O desenvolvimento da mesma, utilizado para o aprimoramento dos recursos psicológicos, sociais e físicos dos grupos sociais, segundo estes autores, é determinante para a admissão de uma cultura preventiva frente aos desastres no país, bem como para minimização das possíveis conseqüências dos eventos que este tenha que enfrentar.

Quando falamos das conseqüências de um evento, nos remetemos à fase do desastre onde a Psicologia historicamente mais atuou, a fase da reconstrução. Conforme estudos científicos, indivíduos afetados por desastres podem apresentar patologias de ordem psíquica (como por exemplo, o estresse pós-traumático), mas a maior parcela desta população não as desenvolve. “Assim essas pessoas, de maneira geral, são capazes de superar a crise principalmente se tiverem fortalecidas, previamente, suas próprias capacidades de resposta, tanto individual como comunitária (...)” (LOPES, 2007, pg. 03).

Apesar de não ser comum o desenvolvimento de patologias, indivíduos afetados por desastres vivenciam um processo de luto decorrente de perdas humanas, materiais e ambientais sofridas. Uma questão importante para reflexão da psicologia é se este processo de luto que ocorre nos momentos posteriores aos desastres é o mesmo processo de luto vivenciado por indivíduos que sofrem perdas em situação ambiental de normalidade.



Outro ponto relevante foi à importância das ações da psicologia se estenderem por todo o processo que envolve estes eventos adversos. Este dado suscita as seguintes questões: de que forma a psicologia pode atuar em todas as fases que envolvem os desastres; como seria construído um projeto de atuação da categoria que garantisse políticas públicas eficientes de atenção subjetiva as pessoas afetadas por eventos adversos; quais são as atribuições destinadas ao trabalho do psicólogo neste campo, e quais não são de sua competência.

Albuquerque (1997), Molina (2006), Coelho (2007) e Lopes (2007) são autores que sugerem atribuições destinadas ao trabalho da psicologia:

a) Albuquerque (1997) sugere um viés interdisciplinar de atuação com a realização de: diagnoses no interior de favelas (identificar necessidades); cursos profissionalizantes; implantação políticas públicas de minimização dos eventos através de metas de longo prazo.

b) Molina (2006) trás ações utilizadas pela Sociedade Chilena de Psicologia das Emergências e dos Desastres - SOCHPED, com ações voltadas para os membros da sociedade e dividindo os eventos adversos em três fases: Pré-desastre – capacitar e treinar habilidades de resposta, assessorar na definição de planos de emergência, selecionar pessoal para integrar as equipes de primeiras respostas e implantar planos de monitoramento de estado de saúde mental das equipes de resposta; Durante a emergência – aplicar planos de manejo hospitalar em crises, manejar pacientes e familiares que cheguem a crises; Pós-emergência – avaliar impacto psicológico e possíveis estratégias de manejo, realizar módulos de auto-cuidado para equipe de primeira resposta e funcionários de centros hospitalares em geral.

c) Coelho (2007) sugere ações voltadas à perspectiva social: pesquisar sobre percepção de risco, prevenção de desastres e estratégias de mitigação no contexto urbano; desenvolver estratégias eficazes de administração de risco; adotar uma perspectiva social e preventiva na psicologia; construir novos modelos teóricos de atenção à saúde; articular as instituições de ensino, comunidade e serviços.

d) Lopes (2007, pg. 04 e 05) possui uma fala voltada para ações técnicas, divididas de acordo com as fases dos desastres estabelecidas pela Política Nacional de Defesa Civil: Prevenção - elaborar plano de contingência para psicólogos na defesa, capacitar equipes (valorização dos aspectos subjetivos), realizar treinamentos para profissionais que atuam no



SUS e voluntários, executar programas de prevenção nas escolas e comunidades, etc.; Preparação - organizar simulados e a ocupação do espaço da mídia, dirigir reuniões de organização do plano de chamada; Resposta – analisar cenários, acolher, identificar demandas, incentivar manutenção dos vínculos familiares, promover trabalhos de oficinas e recreação nos abrigos, realizar atenção às equipes de socorro, combater abusos, etc.; Reconstrução -, monitorar reações emocionais, preservar dos lugares de memória, intervir psicologicamente em caráter clínico.

Pela fala dos autores é possível perceber perspectivas diferentes de atuação, mas um direcionamento convergente no que tange as responsabilidades governamentais e comunitárias.

A necessidade da produção de pesquisa e extensão da psicologia neste campo de trabalho no Brasil foi outra evidencia apontada na pesquisa de base. Segundo Marcos Antônio Mattedi, a psicologia pode contribuir neste campo de duas formas: produzindo conhecimento através da criação de programas de pós-graduação ou linhas de pesquisa que incorporem o tema das emergências e dos desastres na formação e na extensão; e estabelecendo intercambio internacional.

Para construir um programa de formação em Psicologia das Emergências e dos Desastres, Pitágoras Bindé aponta alguns desafios: desenvolver uma cultura preventiva e de aplicabilidade dos saberes psicológicos; transitar em diferentes áreas da psicologia, como a comunitária, clínica, ambiental, do transito, da saúde mental, psicopatologia, psicotraumatologia; trabalhar em equipes com paradigmas, geralmente, diferentes ou desconhecidos pelo psicólogo; adotar flexibilidade metodológica, visando buscar respostas práticas e adequadas, sustentadas por um planejamento estratégico; gerenciar crises junto a população e aos profissionais envolvidos neste contexto; implementar uma rede nacional para o desenvolvimento da Psicologia das Emergências e dos Desastres, em nível de graduação e pós-graduação. O autor sugere que a formação ocorra através da ênfase curricular deste tema nos estágios básicos, estágios profissionalizantes, atividades multidisciplinares e trabalhos de conclusão de curso, abordando conteúdos inerentes à psicologia e interdisciplinares.



Para colocar em prática às propostas de formação citadas acima, e tendo como base as informações da monografia em questão, fica evidente a necessidade da criação de parcerias institucionais e o desenvolvimento de políticas públicas comprometidas com a minimização da alta vulnerabilidade e riscos sociais vividos cotidianamente no Brasil. Para tanto é imprescindível que a Psicologia das Emergências e dos Desastres se torne uma área de atuação no campo social, e estabeleça parcerias com profissionais historicamente já atuantes em eventos adversos. Porém o trabalho interdisciplinar não pode funcionar enquanto não houver um projeto de atuação social que contemple todas as fases dos desastres, e que atue conjuntamente com profissionais das mais diversas áreas.

Considerações Finais

Portanto o presente artigo vem defender a inserção do psicólogo em órgãos públicos de assistência responsáveis e credenciados pela sociedade para atuar neste campo, como forma de produzir uma ação contínua destes profissionais nos municípios os quais atuariam. Isto possibilitaria o conhecimento diário sobre a área de intervenção e a produção de um projeto preventivo condizente com a realidade vivida no local.

Referências

ALAMO, S. V. (2007). *Psicología en emergencias y desastres una nueva especialidad*. Disponível em: <<http://www.momografias.com/trabajos10/emde/emde.shtml>> Acesso em: 18 ago. 2008.

ALBUQUERQUE, F. J. B. de. (1997). A psicologia Social dos desastres. Existe um lugar para ela no Brasil? Capítulo de livro publicado em coletâneas da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia). *Trabalho, organizações e cultura*. São Paulo. Pp. 95-104, 240.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA – ABP / ESTADO DE SANTA CATARINA / SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE / SUPERINTENDÊNCIA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO / DIRETORIA DE PLANEJAMENTO, CONTROLE E AVALIAÇÃO / GERÊNCIA DE COORDENAÇÃO DA ATENÇÃO BÁSICA. Ofício



circular nº 0519. *Plano de ação emergencial de enfrentamento das enchentes no Estado de Santa Catarina*. Florianópolis, 23 dez. 2008.

BOCK, A. M. B (org.). (2003). *A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia*. Sergio Ozella. Capítulo 4: Pesquisar ou construir conhecimento – O ensino da pesquisa na abordagem sócio-histórica. Petrópolis, RJ: Vozes.

BOCK, A. M. B; OLIVEIRA, M. V. de; DUARTE, Y. M.; ZAMBERLAM, T.; LOPES, D. da C. *I Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres – Contribuições para Construção de Comunidades mais Seguras*. Brasília, 8, 9 e 10 de junho de 2006. Disponível em: < http://www.psicologia-online.org.br/pol/export/sites/default/pol/publicacoes/publicacoesDocumentos/cartilha_sn_desastres.pdf> Acesso em: 3 mar. 2007.

COELHO, Â. E. L. (2007, junho). Percepção de Risco no Contexto da Seca: Um Estudo Exploratório. *Revista Electrónica Internacional de La Unión Latinoamericana das Entidades de Psicología*. México. Nº 10.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 12ª REGIÃO – CRP-12 (2008, fevereiro). *Informativo do Conselho Regional de Psicologia da 12ª Região*. Ano II, Ed. 2.

GIL, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo. Nº 6. Ed. Atlas.

HERRMANN, M. L. de P. (org.). (2007) *Atlas de Desastres Naturais do Estado de Santa Catarina*. Florianópolis: SEA/DGED.

LOPES, D. da C. (2007, outubro) *Psicologia das Emergências e dos Desastres no Brasil*. Texto disponibilizado no 4º Fórum Nacional de Defesa Civil. Jaraguá do Sul, SC.

V Seminário Internacional de Defesa Civil - DEFENCIL



São Paulo – 18, 19 e 20 de Novembro de 2009

ANAIS ELETRÔNICOS - ARTIGOS
